

**TATIANA NASCIMENTO, PENSAMENTO
AMEFRICANO NO PRESENTE**

tatiana nascimento, amefrican thought in the ongoing present

ALCIONE CORRÊA ALVES 

Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI, Brasil.

E-mail: alcione@ufpi.edu.br

RESUMO

O presente artigo propõe a discussão, a partir do pensamento de tatiana nascimento, da chave de leitura dor/resistência/denúncia, enquanto solução modelar a nossa comunidade científica, no tratamento científico a textos literários amefricanos. O exame do problema requer um diálogo entre o ensaio de tatiana nascimento e um *corpus* de obras literárias amefricanas, com destaque ao conto “El espíritu africano en Parque Capurro”, de Mónica dos Santos. Por fim, o artigo esboça o silenciamento como categoria de análise às obras literárias. Como uma de suas hipóteses, se ressalta o quanto interpretações a partir da referida chave de leitura correm o risco de implicar um gesto de violência epistêmica, no bojo de nosso fazer-ciência, quando lemos literaturas amefricanas [quiza naturalmente] como literaturas de nossos Outros.

PALAVRAS-CHAVE: literaturas amefricanas; tatiana nascimento: ensaio; amefricanidade; violência epistêmica.

ABSTRACT

This article proposes a discussion, based on tatiana nascimento's thinking, of the pain/resistance/denunciation motif as a model solution for our scientific community in the scientific treatment of Amefrican literary texts. Examining the problem requires a dialogue between the essay by tatiana nascimento and a *corpus* of Amefrican literary works, with an emphasis on the short story “El espíritu Africano en Parque Capurro”, by Mónica dos Santos. Finally, the article outlines silencing as a category of analysis for literary works. As one of its hypotheses, it is highlighted how much interpretations from the aforementioned motif take the risk of implying a gesture of epistemic violence, in the midst of our doing-science, when we read Amefrican literatures [perhaps naturally] as literatures of our Others.

KEYWORDS: amefrican literatures; tatiana nascimento: essay; amefricanity; epistemic violence.

EDITOR-CHEFE:

Rachel Esteves Lima

EDITOR EXECUTIVO:

Cássia Lopes

Jorge Hernán Yerro

SUBMETIDO: 30.09.2022

ACEITO: 29.11.2022

COMO CITAR:

ALVES, Alcione Corrêa.
tatiana nascimento,
pensamento amefricano no
presente. *Revista Brasileira
de Literatura Comparada*,
v. 25, n. 48, p. 11-27, jan./
abr., 2023. doi: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20232548aca>

*A Daiana Nascimento dos Santos e a Roland Gerhard Mike Walter,
companheiros de viagem no texto que ora se inicia.*

Na primeira vez em direção ao sul do Piauí, logo após a zona urbana de Jerumenha, há uma ponte sobre o Rio Gurgueia. Em épocas de cheias, meses de janeiro a abril, toda parte abaixo da ponte permanece submersa, alargando a várzea, exigindo uma obra de engenharia mais extensa para cobrir o vão sobre o rio. No momento da viagem, como não estava em período de cheias, a margem em direção a nosso destino (importante, aos fins do presente artigo: a margem rumo ao sul) abrigava uma lavoura de subsistência, plantação de milho, de feijão, de muito alimento.¹ Nos primeiros meses do ano, o leito do rio submerge para, nos meses seguintes, apresentar terra e, mais: húmus.

A plantação em Jerumenha, à margem do rio, nos oferece o problema de pesquisa ao artigo ora iniciando: o milho, o barro, a tecnologia, a utilização dos recursos naturais disponíveis, os ciclos próprios às águas, tudo necessita ser compreendido no presente. Ademais da plantação em si mesma, o rio, em sua passagem, reivindica sua compreensão no presente: não a ideia ou mesmo um conceito de rio, mas, ao fim e ao cabo, a passagem das águas, em seu fluxo, do qual nos servimos, necessita, igualmente, ser compreendida no presente, como tempo que nos permite a perceber e dela fazer parte. A hipótese heraclitiana do rio em movimento, antes de decretar a impossibilidade de identidades em clave essencialista (no marco de sua apropriação recorrente em Estudos Literários, no Brasil), talvez nos convide a pensar o lugar no presente, assim como nossa relação com o lugar, ela também, no presente.

[...] Corre o vento, cala a chuva
O horizonte é todo sal

É todo longe
É todo mágoa.
(NASCIMENTO, 2017)

A esse esforço inicial de compreensão do problema de pesquisa no presente, em um marco de Estudos Literários, convém ressaltar que o movimento, quando da passagem sobre a ponte, permitira, apenas, a contemplação da margem na direção do deslocamento: desde ela, na perspectiva do sul, se percebe tanto o fluxo do rio quanto a plantação, ambos no presente. Não mais se vê, tampouco importe considerar a margem oposta, sequer postular uma terceira margem, um *in-between*, como variável relevante ao problema: tampouco a tentativa, metodológica, de movimento regresso à margem oposta, para fins de abordagem comparativa; ou a tentativa, epistemológica, de postular um entre-lugar entre as margens, como base ao leito e ao fluxo do rio. Talvez o importante resida, precisamente, na relação entre o lugar e os devires de sujeitas(os) habitando o lugar [independentemente de meu deslocamento ou de meu esforço de compreensão]. Talvez, do ponto de vista epistemológico, convenha o exame de uma relação entre lugar e conhecimento, nos fundamentos partilhados pela comunidade científica dos Estudos Literários, no Brasil.

¹ Como a margem do rio em que a jovem Ponciá Vicêncio retirava o barro para confecção de panelas e demais utensílios a ser vendidos por sua mãe, assim como a colheita de milho aportando alimento a sua família, além de bonecas a suas brincadeiras.

Até aqui, eu disse a palavra *rio* em todas as estrofes. Não quero desperdiçar água. Devo preservar o rio em meu corpo.

*

Nós carregamos o rio, seu corpo d'água, em nosso corpo. [...].

Digo *rio* como um verbo. Um acontecimento. Está se movendo comigo neste exato momento. (DIAZ, 2022, p. 61; p. 64, grifos da autora)².

Com vistas a construir um cenário inicial a desenhar o problema de pesquisa nos termos de um artigo científico em um dossiê sobre ecologia e silenciamento de saberes, convém, seguir a senda dos “conocimientos desde adentro”, a partir do disco de Luedji Luna, *Um corpo no mundo*, de 2017, afim aos debates em construção. Sua última faixa, “lodo + Now Frágil”, permite uma primeira apropriação ao pensamento da autora de sua letra, tatiana nascimento.³ A grafia do iodo, componente do sal de cozinha, aludindo ao sal como elemento fundante do Atlântico (mote ao poema “Le sel noir”, de Édouard Glissant)⁴, se confunde com o lodo no leito do rio, em seu potencial criador e gerador: seja no trabalho de Nanã a gerar vida (ponto de partida do poema “América negra”, de Elio Ferreira), seja no da mãe de Ponciá Vicêncio a produzir sustento a sua família na produção de panelas e utensílios de barro, seja no da agricultura familiar produzindo alimento à margem do Rio Gurgueia.

Me arde o sal, me arde o sal
Me espalha o sal, me espelha o mar
Me abraça o mar, me afaga o mar
Me afunda o mar, me acolhe o mar
Me afunda o mar

Me a funda a dor
Fundo de nau

Funda a tua turva escura
Funda turva escura, funda
Corre o vento, cala a chuva
O horizonte é todo sal. (NASCIMENTO, 2017).

2 A ideia de *rio*, como um verbo, a fim de avançar em uma compreensão da agência de sujeitas(os) negras(os), pode avançar mediante leitura da dissertação de Camila do Nascimento Carmo (CARMO, 2020), na qual se busca desenvolver a categoria operacional de riografia “[...] como um procedimento de criação estético para o labor crítico-teórico da qual as águas põem-se a escorrer pelo mapa”. A referida categoria está posicionada, no texto, ao centro da poética de Livia Natália, permitindo uma leitura de seus poemas enquanto prefácio a uma poesia amefricana contemporânea.

3 Assim como nos casos de bell hooks e de wanderson flor do nascimento (ao menos, a partir de sua tradução de *A invenção das mulheres*, de Oyèrónké Oyèwùmí, publicada pela editora Bazar do Tempo, em 2021), tatiana nascimento opera a escolha, política, de grafar seu nome em minúsculas, ao assinar suas produções intelectuais. Por vezes, como nas citações a seu ensaio “da palavra queerlombo ao cuierlombo da palavra”, integrantes do presente artigo, a argumentação de nascimento recorre a procedimentos de escrita similares como, por exemplo, a totalidade de escrita em minúsculas (no que se incluem suas interlocuções), ademais do uso da conjunção aditiva *y*, em lugar do esperado *e*. Antes de se tratar de equívocos de grafia ou de formatação textual, tatiana nascimento se soma a referências amefricanas, em circulação nos Estudos Literários, no Brasil (ao que cabe destacar as traduções recentes do pensamento de bell hooks, em português brasileiro, pela editora Elefante, a partir de 2019), a comunicar sua voz na opção política de uma linguagem em minúsculo.

4 Sobre a compreensão do poema “Le sel noir”, em um marco de pensamento amefricano contemporâneo no Caribe, se consulte: BISPO, CARVALHO, ALVES, 2022.

Particularmente, gostaria de recorrer a uma ideia, central a seu artigo “Da palavra queerlombo ao cuíerlombo da palavra” (2018): não exatamente o queerlombismo como um todo, mas uma de suas premissas, qual seja, a necessidade de questionar uma leitura específica, recorrente em nossa comunidade científica de Estudos Literários, no Brasil. Ela parece regressar, em larga medida, entre nossas leituras [, sobremodo naquelas não racializadas,] de literaturas amefricanas no Brasil: dor/resistência/denúncia. Tal leitura, central a uma interpretação de literaturas amefricanas no Brasil,⁵ recebe o questionamento de tatiana nascimento.

Esse poema da kika [sena, poeta a publicar o poemário *periférica*, pela Editora Padê, em 2017; o poema em questão, na citação de nascimento, se chama “atire a.”] tem me acompanhado muito em minhas andanças de conversar/apresentar/ensinar-aprender literatura preta lgbtqi porque me convoca pra pensar um ponto de virada: a reação à dor. como temos reagido/resistido à dor? como temos feito nossa poesia que ou fala da dor ou parte da dor e o que temos feito com ela? especificamente: como tornamos essa resistência em organização pra superação da dor? y, sim, até eu me rendo a esse trocadilho: como temos feito de nossa literatura nossa literacura? (NASCIMENTO, 2018, p. 6).

tatiana nascimento traz a *literacura* como mais do que um conceito operacional a nossas análises literárias, antes como agência de sujeitas negras a tornar “essa resistência em organização pra superação da dor”. Seu argumento nos propicia um primeiro movimento, diferindo a dor como categoria de análise literária da dor como *telos* a sujeitas(os) negras(os), cuja natureza se mostraria traduzível na chave dor/resistência/denúncia. Sob tais termos, sua pergunta, ao final da citação, instigaria as possibilidades de uma literacura como peça possível a poéticas amefricanas.

em *periférica*, kika tem vários poemas que podem ser lidos como esses “poemas de resistência” mais óbvios (a noção de “poesia-manifesto” de daisy serena que expando em: poesia reativa/provocativa/vocativa), mas, como kika sena, a própria sereia, “y tem mais”. tô insistindo nisso porque, junto àqueles dois pilares que fundamentam as estruturas do racismo, tem um terceiro que também me incomoda muito: o estereótipo da resistência constante que congela a gente no frame da denúncia. (NASCIMENTO, 2018, p. 6).

Concentrando atenção no “[...] estereótipo da resistência constante que congela a gente no frame da denúncia”, a citação estabelece os termos a uma abordagem essencialista não exatamente no cerne de construções identitárias reconhecíveis em literaturas amefricanas mas, antes e sobremaneira, em nossas próprias expectativas de leitura, interpretação e proposição de juízos científicos, do que decorre o uso de *estereótipo* (ao que também se mostraria oportuno o uso de *imagem de controle*), assim como “o frame da denúncia” como metonímia a existências negras em uma dupla dimensão: metonímia metodológica, de nossa parte, na seleção e exame de índices de análise literária, em

⁵ Doravante, em conformidade a apropriações contemporâneas do pensamento de González e, particularmente, à necessidade [coletiva, por parte de nossa comunidade científica] de operacionalizar a categoria *amefricanidade*, este artigo adota o termo *Américas*, assim como suas decorrências imediatas (*amefricanas(os)*), lá onde, até aqui, adotáramos “afro-americanas(os)” ou “afrolatinoamericanas(os)”, assinalando o percurso desse movimento nas pesquisas, em curso, do Projeto de Pesquisa e Extensão Teseu, o labirinto e seu nome, do qual esse artigo se mostra tributário.

textualidades amefricanas; e metonímia epistemológica, quando nosso fazer-ciência depende [por vezes, visceralmente] de uma posição ôntica a existências negras.⁶

Como uma das hipóteses ao presente texto, cumpre ressaltar o quanto tais interpretações correm o risco de implicar um gesto de violência epistêmica, em nosso fazer-ciência, quando dissertamos sobre literaturas amefricanas, lidas [quicá naturalmente] como literaturas de nossos Outros. Tal hipótese estabelece diálogo com a citação supracitada quando percebemos o gesto de violência, na forma de estereótipo, como um dos “pilares que fundamentam as estruturas do racismo”.

Nossa tarefa interpretativa espera a dor em cada texto, de modo a tratar o discurso literário, quando circunscrito em um domínio de literaturas negras, ou afro-, enquanto voz fadada a uma “[...] resistência constante que congela a gente no frame da denúncia”. Propomos, na base de tal procedimento metodológico, condicionante de nossa tarefa interpretativa, situar um gesto de violência epistêmica, ante o qual se corre o risco de uma redução da complexidade [eminentemente humana] ao texto literário negro e, por conseguinte, em um desenvolvimento argumentativo mais amplo, a sujeitas(os) negras(os) – pois desprovidas(os) da complexidade própria a simbolização e significação do mundo. (ALVES, 2022b, p. 392).

tatiana nascimento nos permite fazer esse questionamento, e a partir dele, como ponto de introdução ao presente artigo, circunscrever um marco de pensamento amefricano como uma pergunta, relevante, a construir um problema de pesquisa à comunidade científica dedicada a literaturas amefricanas das Américas e a literaturas amefricanas no Brasil, sobre um dos índices do racismo colonial: justamente uma política de silenciamento dessas experiências nossas. Cumpre ressaltar, nesses termos, que esse “nosso” é tido como um “outro”, com a consequência de compreender nossas existências primando [talvez necessariamente] pela condenação ao silenciamento.

Sendo assim, o subalterno é alvo da violência epistêmica, se constituindo como o Outro do discurso colonial, que ora está por sua própria conta, ora deve estar sob tutela. [...] o mesmo que fizeram Foucault e Deleuze por omissão: subalternizaram o outro [colocando-o como o Outro do Ocidente]. Ou seja, o subalterno não é aquele que não tem voz, mas é aquele que é continuamente falado pelo desejo do outro (SOUZA, 2018, p. 28).

Eis o ponto, oportuno aqui: a subalternidade não como a designação de quem não fala (ou a quem nos indagamos sobre sua possibilidade de fala) mas, sobremaneira, no âmbito de nosso fazer-ciência nos Estudos Literários, a designação de quem pode, *apenas*, ser falado pelo desejo do outro – especificamente, falado pelo Sujeito ou pelo intelectual spivakianos; pelo Ocidente, em suma. Nossa aprendizagem, no âmbito da comunidade científica, de uma política de silenciamento, promove

⁶ A dimensão ôntica a existências negras provém da apropriação que Sueli Carneiro opera de Martin Heidegger, na introdução a sua tese (2005), resultando na circunscrição de existências negras ao domínio ôntico, enquanto domínio próprio a entes particulares ou às determinações do Ser: “[...] pulsa em mim, em repulsa a esse ôntico ao qual me reduzistes, um resto ontológico que busca um diálogo restaurador dessa dupla mutilação que empreendestes em relação a ambos. Tu te encontras encastelado na contemplação da Idéia que tens do mundo e eu, anjo caído, residente nesse mundo te convindo a olhá-lo com olhos que te permitam ver nele a tua face refletida. [...]” (CARNEIRO, 2005, p. 21; grifos da autora). Da apropriação da distinção heideggeriana, Sueli Carneiro opera o passo seguinte, rumo às bases a sua noção, posterior, de epistemicídio: “Heidegger distingue entre as categorias do ôntico e do ontológico (HEIDEGGER, 2002). O ôntico se refere aos entes particulares, ou às determinações do ser. Ontológico diz respeito ao ser enquanto tal. Então, raça, cor, cultura, religião e etnia seriam da ordem do ôntico, das particularidades do ser. Ser, e especificamente Ser Humano, inscreve-se na dimensão ontológica. O que nos permite supor que o racismo reduz o ser a sua dimensão ôntica, negando-lhe a condição ontológica, o que lhe atribui incompletude humana.” (CARNEIRO, 2005, p. 27). Em artigo anterior (ALVES, 2022b), com auxílio a Sueli Carneiro e mais referências amefricanas, iniciamos a discussão da referida leitura, dor/resistência/denúncia, em sua recorrência como solução modelar a nossa comunidade científica, quando do tratamento científico de textos literários amefricanos.

e circunscribe nossas experiências como sujeitas(os) enquanto Outro, no domínio ôntico, como experiências outras: “e esse racismo colonial tem como outro de seus pilares mais firmes e funcionais a política de silenciamento dessas experiências nossas, velhas, tidas como outras: nossa existência também é negada pela condenação ao silenciamento” (NASCIMENTO, 2018, p. 5).

O Outro, sob tal argumento, opera como adjetivo, como qualificador do Sujeito (grafado em maiúscula, no sentido a ele atribuído por Gayatri C. Spivak); a dimensão ôntica segue ali, rediviva. Supomos [frequentemente] que existem experiências, conhecimentos, epistemologias válidas ou consideradas como padrão, enquanto existem referências “outras” – inclusive, nos assinalando, no interior da comunidade científica, uma certa abertura epistemológica quando dedicamos parte da vida acadêmica a essas “epistemologias-outras”. Tatiana Nascimento nos assinala o risco a uma condenação ao silenciamento do que é nosso, por parte de nossas análises literárias: “Capataz, queimarem a herança / De minhas ancestrais / Arrastarem Cláudia pelo camburão, caveirão” (NASCIMENTO, 2017).⁷

Na senda dessa condenação ao silenciamento, como um suplemento à ideia de Tatiana Nascimento, uma passagem de Ronald Augusto, no ensaio *O leitor desobediente*, disserta sobre “autores transgressores e seus poemas vão aos poucos tornando cada vez mais complexa qualquer definição pretensamente consistente e acabada a respeito do que das linhas de força do total dessa escritura” (AUGUSTO, 2019). Nós, como cientistas, [por vezes] agimos como matemáticos, a quem os textos literários seriam equações resolvidas com certos conceitos (identidade; memória; nação) e com certos teoremas, como, por exemplo, o teorema dor/resistência/denúncia.⁸

Uma ideia similar, a respeito de sujeitas(os) e devires negros ante nossa tarefa de compreensão, repousa no fundo do mar, na garganta profunda do mar ou, em francês, *le gouffre*. Essa ideia está em *L'intratable beauté du monde*, de autoria a quatro mãos de Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau.⁹ Onde está a beleza da Intratável Beleza do Mundo? Nessa ideia do fundo do mar, da voz desde o fundo do mar, *le gouffre*. No opúsculo, uma carta aberta endereçada a Barack Obama quando de sua posse de seu primeiro mandato (e todas as expectativas que depositávamos em um presidente negro dos Estados Unidos), temos parágrafos em texto comum, padrão, nos quais Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau dialogam conosco suas teses, em um marco de pensamento amefricano, entremeados por diálogos, por frases e parágrafos inteiros em itálico. Quem fala em itálico? *Le gouffre*, a voz desde o fundo do mar, todo nosso patrimônio de conhecimento, todo húmus de conhecimento preto lá no fundo do mar; o húmus de nossa trisavó, de nosso tataravô, tudo lá.¹⁰

7 A política de silenciamento poderia operar, em uma análise literária (por exemplo, da canção de Luedji Luna; ou de quaisquer das citações literárias, ao longo do artigo), como indicador a uma das componentes do racismo colonial; desde tal indicador, poderíamos selecionar alguns índices de leitura nos habilitando a tratar do silenciamento, nas análises literárias propriamente ditas – por exemplo, figuras de linguagem; dados morfosintáticos (como no título da canção); aspectos estilísticos e rítmicos a construir o silenciamento, assim como a agência da voz ante o silenciamento.

8 Partindo de uma distinção, mais básica, entre ciências exatas primando pela explicação, ante ciências humanas primando pela compreensão (a esse respeito, se consulte: FOKKEMA, IBSCH, 2006), poderíamos formular duas hipóteses. A primeira diria respeito a uma [suposta] busca de cientificidade aos Estudos Literários, quando primando pela explicação (a despeito de suas reivindicações de uma postura interpretativista, conforme: LEITE, PEREIRA, BARBOSA, 2018; VASILACHIS DE GIALDINO, 2009). A segunda diria respeito ao tratamento de ficcionalidades negras como falta, ausência ou insuficiência daquilo que, de modo difuso, entendemos como literariedade (conforme a apropriação da *restance*, em Jacques Derrida, assim como da *escrevivência*, desde Conceição Evaristo, em: ALVES, 2022a).

9 A obra fora publicada, em 2009, pela editora Galaade; em parceria com o *Institut du Tout-Monde*, o instituto que fomenta e administra a obra de Glissant, até hoje. Trata-se de um instituto para acompanhar nas redes sociais, dada a qualidade de atualizações sobre a obra de Glissant.

10 A voz emanando do *gouffre*, talvez, de modo tangencial, se aproxima do recurso que Chamoiseau constrói mediante a voz de *Le Vieux Guerrier*, o entremeando com as referências à *Sentimenthèque*, em seu ensaio *Écrire en pays dominé* (CHAMOISEAU, 1997).

C'est une rumeur de plusieurs siècles. Et c'est le chant des plaines de l'Océan.

Les coquillages sonores se frottent aux crânes, aux os et aux boules verdies, au fond de l'Atlantique. Il y a dans ces abysses des cimetières de bateaux négriers, beaucoup de leurs marins. Les rapacités, les frontières violées, les drapeaux, relevés et tombés, du monde occidental. Et qui constellent l'épais tapis des fils d'Afrique, dont on faisait commerce, ceux-là sont hors des nomenclatures, nul n'en connaît le nombre. (GLISSANT; CHAMOISEAU, 2009, p. 1, grifos dos autores).

Se pudéssemos secar o mar, em busca do que repousa no fundo, encontraríamos navios, arcas do tesouro e, sobretudo, pessoas, vidas, culturas e conhecimentos negros na forma de húmus. A fala desse húmus, *le gouffre*, vem do fundo do mar; toda herança negra a olhar no olho de Barack Obama em seu discurso.

Et sans doute, au monde, avant et après ces Traités, y eut-il combien d'autres gouffres ouverts, sous toutes les latitudes, et concernant combien de peuples. Mais ces Africains déportés ont défait les cloisonnements du monde. Eux aussi ont ouvert, à coups d'éclaboussures sanglantes, les espaces des Amériques. Ils sont entrés dans la puissance étasunienne, comme un de ses fondements, mais aussi comme un de ses manques. Comme une puissance et comme un manque et comme la plus précieuse des fragilités. Ils sont en nous. Ils sont en vous, monsieur. (GLISSANT; CHAMOISEAU, 2009, p. 1-2, grifos dos autores).

Cabe citar a escolha, por parte da tradução de *Poética da relação* em português brasileiro, do termo francês *le gouffre* por *abismo*, acompanhado de uma nota explicativa justificando a escolha do termo, em nome da compreensão da passagem do texto. No capítulo “A barca aberta”, Édouard Glissant propõe três tipos de abismo, em uma gradação: o primeiro, no ventre da barca; o segundo, no caráter insondável do mar; o terceiro, no mar como “um rio [...] que não tem meio” (GLISSANT, 2021, p. 31-32).

A face mais petrificante do abismo é, muito à frente da proa do navio negreiro, esse rumor pálido que não sabemos se é nuvem de tempestade, chuva ou garoa, ou fumaça de uma fogueira tranquilizadora. Dos dois lados da barca as margens do rio desapareceram. Que tipo de rio é esse que não tem meio? Seria ele apenas uma dianteira? Não estaria essa barca vagando eternamente pelos limites de um não mundo, não frequentado por nenhum ancestral? (GLISSANT, 2021, p. 31).

Algumas obras amefricanas contemporâneas oferecem uma oportunidade de interpretação da gradação proposta por Édouard Glissant. Poderíamos partir do primeiro tipo de abismo ao cogitar que o romance de Eliana Alves Cruz, *O crime no cais do valongo* e, igualmente, *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, apresentam diegeses se passando no ventre do negreiro, durante a travessia: nesse último, narrada por Kehinde, em companhia de sua irmã, Taiwo, e de sua avó, Dúrórũike; no primeiro, com a travessia na voz de uma de suas narradoras, Muana Lómuè.¹¹ Por sua vez, podemos encontrar exemplo relevante em Yolanda A. Pizarro na primeira novela de *las Negras*, “Wanve”, cuja diegese traz o esforço da protagonista tentando, ao narrar, compreender a violência do sequestro.¹² De sua parte, o poema de Marlene Nourbese Philip, *Zong!*, pode, igualmente, ser um ponto de partida a um diálogo

11 Sobre uma análise comparativa entre ambas as obras, a partir do pensamento de Édouard Glissant, se consulte: BISPO, CARVALHO, ALVES, 2022. Ainda sobre o referido tema, eis o mote à tese de doutoramento de uma das autoras, Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho, com o título “Histórias e memórias Afro-atlânticas nos romances de Eliana Alves Cruz”, defendida em sessão pública promovida pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UFPI em 06 de abril do corrente.

12 Sobre a compreensão da obra de Yolanda Arroyo Pizarro, em um marco de pensamento amefricano contemporâneo no Caribe, se consulte: SALES, 2021.

com o segundo tipo de abismo.¹³ A canção “lodo + Now Frágil”, na origem do problema de pesquisa, igualmente, constrói uma análise frutífera na senda do segundo tipo de abismo.

Por sua vez, *L'intraitable beauté du monde* talvez forneça um exemplo ao terceiro tipo de abismo: o *gouffre*, tudo que é nosso, no fundo do mar, que precisa emergir para falar. O *gouffre*, nesses termos, dialoga, muito, com Lélia González, na passagem [frequentemente citada] em que “agora o lixo vai falar, e numa boa”: nela, o lixo opera no sentido de trazer o que é nosso, para emergir. Cumpre entender que ambas as denominações pejorativas, de lixo e de *gouffre*, não são nossas.

Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (GONZÁLEZ, 2018, p. 193).

Insistindo em um dos usos [hoje correntes] da passagem supracitada, cabe, a nosso argumento, prevenir o risco de aproximar gente preta [as subalternidades; as periferias; o “sul global”] à natureza do lixo – ainda que com a intenção de “dar voz” ao lixo, mediante análises literárias. Importante assinalar a imagem psicanalítica de Jacques-Alain Miller, apropriada por Lélia González, como contexto à citação anterior: ela se serve de uma estrutura argumentativa, na qual o ato de fala apresenta implicações, para, desde e contra uma lógica de dominação a determinar nossas relações (inclusive, nossa relação com a linguagem; e a linguagem enquanto relação), compreender as condições atinentes quando “assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa”.

Não estamos nos desvalorizando, nos tomando como lixo, mas, em suma, se trata de denominações exógenas, imputadas como violências. O *gouffre*, com sua voz desde o fundo do mar, aportando tudo o que é nosso, dialoga diretamente com a voz do lixo que vai falar, na formulação de Lélia González. Seu pensamento não está nos admitindo inferiores, lixo, mas nos dizendo que há uma fala em jogo, uma produção em jogo, uma difusão e uma partilha de comunicação extremamente humana em jogo. Diz respeito não a uma posição ontológica, sobre nosso ser, mas a uma posição epistemológica, a fundar e justificar a violência imputada pela colonização. Há um problema quando, deliberadamente, desde nossa posição de construção de saberes acadêmicos¹⁴, escolhemos denominar todo um patrimônio humano amefricano de lixo; há um problema quando não levamos em conta o potencial epistemológico disso que nós chamamos de “lixo”.

111 tiros contra cinco corpos
 111 corpos mortos na prisão
 Eu sei ser trovão que nada desfez

 Eu já fui trovão
 E se eu já fui trovão, eu sei ser trovão

13 Sobre uma primeira aproximação ao poema *Zong!*, em um marco de pensamento amefricano contemporâneo no Caribe, se consulte: MOYANO, 2019.

14 Sobre a compreensão da imagem apropriada por Lélia González, situando seu pensamento em um marco de feminismo negro, contido em uma ideia de pensamento amefricano contemporâneo, se consulte: CORREIA, 2023.

Eu sei ser trovão que nada desfaz

Epahey Oyá!

Eu sei ser trovão e nada me desfaz. (NASCIMENTO, 2017).

Aquilo que produz, partilha e comunica conhecimento é a ideia de que esse pensamento amefricano, esse discurso vindo das entranhas, o discurso vindo do lixo, do mar, esse pensamento amefricano se faz, hoje, no presente, fora do negreiro. Quando Eliana Alves Cruz, por exemplo, constrói *Água de barrela* ou *O crime do cais do valongo*, ela as constrói no presente, fora do negreiro, fora do cativo. A noção de agência de pensamento amefricano, no presente, opera como ideia nuclear ao presente artigo. A necessidade de nos situar no tempo presente e, em última instância, a reivindicação de uma prerrogativa ao presente como humanização de ficcionalidades e de existências negras, por parte dos Estudos Literários, pode funcionar como demanda argumentativa do presente artigo. O húmus gera vida e alimento, no presente, em Jerumenha.

Quando Fabienne Kanor nos propõe *Humus*, seu livro se organiza com cada capítulo designado a mulheres encarceradas no negreiro *L'Espoir*, naquela viagem, em 1774.¹⁵ Contudo, a interpretação da obra nos solicita perceber que a última voz, *L'héritière*, ao contrário das anteriores, é uma voz em um presente diegético e cronológico: um presente [talvez, necessariamente] cronológico, porque, dentro do Negrinho, não é possível escrever, não é possível produzir conceito em um sentido centro-europeu.¹⁶ No ventre do negreiro, estamos muito ocupadas(os) tentando sobreviver: não viver, mas sobreviver.¹⁷

Nesse sentido, esse trabalho amefricano se faz no tempo presente. Nós, no presente, fertilizamos, comunicamos e partilhamos o húmus, habitando o fundo do mar; porque no fundo do mar, há terra. Essa terra suporta o lixo. No leito do rio, terra, húmus. No mar, na diegese de “lodo + Now Frágil”, húmus ao fundo, sal nas águas.

[...] se apresenta em sua fertilidade para alimentar discursos futuros, construções futuras, devires futuros [...] visando à agência de sujeitas(os) negras(os), a raiva como húmus em distintas formulações do pensamento amefricano [...]. Se, lançado à terra, o sal mata a fertilidade do solo, como pá de cal à manutenção do ciclo da vida; no mar, nas águas do Atlântico em sua condição de mar que difrata (GLISSANT, 2005), ali o sal se apresenta não como morte, mas como vida e, especificamente, como purificação da matéria da qual brotam nossas possibilidades de vidas futuras, de vidas possíveis [...]. O mar não mata o húmus, antes o purificando, o habilitando a matéria que alimenta nossos devires, alimento jazendo no fundo do mar de ontem que nutre, hoje, nossas(os) devires negras(os) de hoje. (BISPO, CARVALHO, ALVES, 2022, p. 349-350).

Me arde o sal, me arde o sal

Me espalha o sal, me espelha o mar

Me abraça o mar, me afaga o mar

15 Analogamente à viagem que oferece o ponto de partida ao poema *Zong!*.

16 A ideia básica de Milton Santos, evocando não apenas a necessidade de maturação de nossas ideias mas, dentro do escopo desse artigo, prerrogativa de produção e partilha de conhecimento por parte de sujeitas(os) negras(os) – em uma formulação, similar à anterior, sobre a simbolização do mundo como prerrogativa eminentemente humana, interdita quando se analisa ficcionalidades negras mediante princípios atinentes à explicação.

17 Analogamente à passagem da série *Atlanta*, no quarto episódio da primeira temporada, “The Streisand Effect”: “As pessoas pobres estão muito ocupadas tentando não ser pobres”. Sobre o referido tema, eis o mote à dissertação de mestrado de Luciléa Silva da Cruz, com o título “'Nous avons survécu': traduzindo no Atlântico negro a partir do romance *Humus* (2006), de Fabienne Kanor”, defendida em sessão pública promovida pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da UnB em 10 de agosto de 2022.

Me afunda o mar, me acolhe o mar
 Me afunda o mar

Me a funda a dor
 Fundo de nau. (NASCIMENTO, 2017).

Pensando nas circunstâncias de produção, comunicação e partilha de conhecimentos negros dessa maneira, entendemos a ideia do húmus, a ideia do *gouffre*, a ideia do lixo; entendemos o mar de circularidades; entendemos o Atlântico como matriz epistemológica como para nós, gente preta, amefricana, hoje, no presente.

Tanto para quem está plantando, hoje, na beira do rio Gurgueia, como para quem está plantando, partilhando e comunicando pensamento, hoje, em nosso labor na escola, nas organizações sociais, na biblioteca comunitária, nos círculos de leitura; no futebol de sábado à tarde, tentando posturas antirracistas com nossos companheiros de jogos: em todos esses espaços, estamos fazendo no presente. Porque dentro do negreiro, era prioridade sobreviver. Para que essa matriz se efetive no presente enquanto pesquisadoras(es), na academia, premiadas(os) por prazos, dois passos: um epistêmico e outro, metodológico. O passo epistêmico seria pensar uma poética do húmus, do *gouffre*, do lodo. O passo metodológico seria pensar o mar como um indicador de leitura, do que decorreria uma escolha de aspectos do mar, do Atlântico, do oceano como índices de leitura através dos quais se mostraria possível entrar nas obras, discutindo essa poética do Oceano, essa poética do *húmus* nas nossas obras literárias.¹⁸ Há necessidade de um procedimento metodológico visto que não tomamos o conceito de oceano, ou o de Atlântico, ou o de mar entrando diretamente nos textos, sem mediação ou instrumentos de análise; se requer esse cuidado no exame científico de quaisquer textualidades negras. Jacques Derrida nos ensina isso, adaptável a textualidades negras e, particularmente, ao mar como sua chave de leitura: o mar resiste a nossa leitura.

Importante ressaltar: [...] a resistência ou, melhor dito, a *restance* (restência? Restância? O que permanece, o que resta; o que resiste, precisamente, porque em-permanência, malgrado os fluxos?) de uma escritura.

Em tal contexto, abre-se a possibilidade de tomar a *restance* em textos amefricanos – e, em última instância, que estes gozem da prerrogativa da *restance*, como cabe a todo discurso humano – como sua impossibilidade de redução [explicativa] a seus efeitos de sentido, de conteúdo, de tese ou de tema; por extensão, [...] a impossibilidade de redução de textos ficcionais negros (e, analogamente, de textos ficcionais de nossos Outros, por nós racializados) a seus efeitos de raça. Derrida nos auxilia a assinalar que *cela se fait couramment* em nossos usos da escrivência [...] (ALVES, 2022a, p. 224-225, grifos do autor).

O mar resiste a nossa leitura. No texto literário, muitas vezes, o mar é opaco (nos termos do *droit à l'Opacité*, de Édouard Glissant) porque sabemos que nossas heranças estão lá, que nossos objetos de família estão lá, no fundo do mar, das águas; sabemos que nossas(os) ancestras(os) estão lá, mas não os podemos ver; sem contradição de termos, *sabemos* que lá estão. Eis o nó metodológico, interpondo um limite a nossa compreensão de ficcionalidades amefricanas. Esse é o mote do poema “El apellido”, de Nicolás Guillén, perfazendo seu grande dilema: a voz poética está se deparando com a opacidade

¹⁸ Como um ótimo exemplo, circulante em nossa comunidade científica, de investigação a propor uma poética do Oceano, recorrendo a um par oceano/barco como índice de leitura às análises literárias, se consulte: NASCIMENTO DOS SANTOS, 2017.

do mar e se fazendo perguntas bastante básicas para migrantes familiares, mas aterradoras para nós, gente preta, migrantes nus. Sabemos que está lá, mas sem ideia de como chegar lá.¹⁹

Como exemplo contemporâneo do referido nó, um dos poemas de Graciela Leguizamón na antologia *Tinta: poetisas afrodescendientes* (URUGUAY, 2016, p. 48), “Sin Espejos”, contribui, precisamente, ao ponto: a voz poética, no presente, olha para o mar, o Río de la Plata, visto como um mar, tratado como mar, pensado como mar por cidadãos uruguaios e uruguaias. A voz poética olha para as águas turvas do Prata, sabe que está lá, sabe que Montevideo foi um dos grandes portos de comércio negreiro nas Américas inteiras, sabe de todo esse húmus lá, mas como o acessar? Como ver? Como o dizer?²⁰

Aprendemos lição similar no conto “El espíritu africano en Parque Capurro”, de Mónica dos Santos. Nele, a voz narrativa, por sua vez, também no presente, em diálogo ao percurso ora construído, igualmente reivindicando, em seus tempo e espaço diegéticos, a prerrogativa ao presente e sua significação como gesto de humanização de sujeitas(os) negras(os). O silenciamento é percebido no presente, sem contradição de termos a uma agência que se reivindica no presente.

Siempre que ando un poco perdida y no sé bien por dónde empezar, vengo a tomar unos mates al Parque Capurro, eso me ayuda a despejar las ideas.

Reconozco que es un lugar un poco complicado para pensar [...] Pero la mayoría de las veces no veo el entorno, aún no sé cómo logro concentrarme y no visualizo más que el espejo de agua que se forma en la bahía. (DOS SANTOS, 2019, p. 14).

Como parte integrante da antologia *Marimondo*, publicada em 2019 pela editora artesanal uruguaia *Bibliobarrio*, Mónica dos Santos nos apresenta o conto “El espíritu africano en Parque Capurro”, no qual a voz poética, em um tempo presente e em um espaço diegético reconhecível na geografia urbana da cidade de Montevideo, constrói sua relação com a paisagem do parque, em sua condição de ponto recorrente de encontro: com o que, especificamente? “Siempre que ando un poco perdida y no sé bien por dónde empezar, vengo a tomar unos mates al Parque Capurro, eso me ayuda a despejar las ideas” (DOS SANTOS, 2019, p. 14). Em um primeiro momento, talvez nossos horizontes de expectativa não nos remetam a algo específico, [supostamente] próprio a uma natureza do que, na comunidade científica dos Estudos Literários no Brasil, caracterizamos como literaturas negras (ou afro, caso sigamos a senda, por exemplo, de DUARTE, 2014).

Ainda que, a depender de nosso conhecimento geográfico da cidade de Montevideo, possamos, eventualmente, cogitar as primeiras linhas do conto de Mónica dos Santos como um exemplar do que caracterizaríamos como literaturas latino-americanas (em sua construção, topológica, de uma típica paisagem montevideana: o Parque Capurro, os *mates*; a voz poética integrada a ela, demonstrando uma pertença ao lugar), em sua primeira página, nada parece nos indicar uma porta à chave de leitura ora questionada à luz do ensaio de tatiana nascimento. Nada nos enseja “[...] o estereótipo da resistência constante que congela a gente no frame da denúncia” (NASCIMENTO, 2018, p. 6). Nada nos propicia o recurso, frequente em nossas análises literárias sobre literaturas amefricanas, “[...] a algo como uma

19 Sobre uma análise, breve, do poema de Nicolás Guillén, afim aos pressupostos do presente artigo, se consulte: ALVES, 2017.

20 Sobre uma análise do poema de Graciela Leguizamón Rodríguez, assim como de outros poemas da antologia *Tinta: poetisas afrodescendientes*, a partir do pensamento de Édouard Glissant, se consulte: ALVES, 2019; ALVES, 2022b.

expectativa *ready-made* no que diz respeito às constantes que, supostamente, deveriam servir de marca, de escopo a uma poética negra” (AUGUSTO, 2019, p. 101-102, grifos do autor).

Talvez nos três primeiros parágrafos a voz poética, em sua construção de uma paisagem na qual se insere, não ofereceria as *marcas* assinaladas por Augusto (inicialmente debatidas em: ALVES, 2022a; ALVES, 2022b), de modo a obstar, por vezes impossibilitar a leitura do conto em uma circunscrição como literaturas negras (ou afro); talvez se mostrasse mais apto a uma análise topológica, na qual compreendemos a sujeitas(os) em sua relação com a paisagem urbana, evidenciando os atravessamentos de tal paisagem ante os esforços de pertença destas(es) sujeitas(os) – no segundo parágrafo, uma voz que, em busca de “despejar las ideas”, encontra dificuldades ante “la ruta en frente, por lo que se ve pasar permanentemente algún auto, ómnibus o camión [...] la ruta y su incesante tránsito [...] la vía de tren por la que cuatro veces al día pasa el cargamento proveniente de ANCAP”.

Cada vez que miro este horizonte es inevitable sentir como me atraviesan vidas y muertes de un montón de otros hombres y mujeres, negros y negras, que fueran arrancados de su tierra, trasladados en condiciones inimaginables y depositados durante meses en este mismo lugar que hoy piso, seres invisibles pero existentes, que si eran fuertes y lograban sobrevivir, entraban inexorablemente en el mercado comercial para ser esclavizados, vendidos al mejor postor, perdiendo toda identidad, libertad y derecho sobre sus propias vidas [...] Me moviliza en las entrañas esse sentimiento, que proviene de una información que no se activa a nivel de mi certeza cerebral, sino a nivel casi celular, molecular, como una marca grabada a fuego. (DOS SANTOS, 2019, p. 14-15).

A partir do quarto parágrafo, se nossas perguntas de pesquisa encontram uma aparente segurança, a nós, sujeitas(os) racializadas(os), se interpõe o problema de pesquisa atinente ao presente artigo, nos seguintes termos: como compreender contos amefricanos, propondo sujeitas(os) negras(os) no tempo presente, em sua relação com um lugar presente, como os compreender desde nossos instrumentos, teóricos e metodológicos, ora circulantes na comunidade científica dos Estudos Literários, no Brasil?

A voz narrativa, no conto, tece a cotidianidade do inacessível, no fundo do mar, ali presente, em um *ongoing present*, na paisagem, tempo no qual a violência se presentifica na paisagem do Parque Capurro, sempre quando, de seu espelho de águas, se avista o porto de Montevideo; em seus últimos parágrafos, o conto nos propõe, como solução ao conflito, a hipótese de que, assim como as violências, a agência se presentifica nos devires negros montevidianos. Uma interpretação do conto, sob tais termos, reivindica a agência de sujeitas(os) negras(os), em seus devires, em um presente perfeito contínuo (em vez de um presente simples, ou de um passado contínuo, como solução modelar circulante em nossa comunidade científica, no tratamento de textos amefricanos).

O espelho das águas, na paisagem presente do Parque Capurro, dialoga com a voz poética de “Sin espejos”. Sua descendência, sua ancestralidade. Tudo ali, no fundo do Prata, no fundo do mar que não posso acessar.

Me a funda a dor
Fundo de nau

Funda a tua turva escura
Funda turva escura, funda
Corre o vento, cala a chuva
O horizonte é todo sal. (NASCIMENTO, 2017).

Esse é um desafio metodológico interposto a nossas investigações, tanto para perscrutar o fundo quanto para não fetichizar o oceano e o que está submerso. Necessitamos avançar, coletivamente, como comunidade científica, haja vista que conhecimentos pretos gozam de uma condição, eminentemente, coletiva (conforme HILL COLLINS, 2019). Necessitamos avançar na formulação de nossas perguntas de pesquisa a obras literárias amefricanas, naquilo que tomam como premissas, como hipóteses, em vez de as considerar em um lugar de imagens de controle, na base de nossas expectativas sobre ficcionalidades negras.

Me veo a mi misma sentada entre árboles, tomando unos mates, como cualquiera de los vecinos con los que convivo, vecinos que me cruzo aquí en el parque, vecinos que no pueden siquiera imaginar lo que provoca en mí este horizonte. Compartimos una rambla, una vista, un barrio, un parque y hasta un cuadro de fútbol, pero toda esta vivencia es personal, intransferible. Mis queridos vecinos ni imaginan que desde aquí, desde esta vista y desde este dolor acumulado en mi ADN, es de donde yo saco las fuerzas para la lucha política, desde este lugar en el mundo me permito un cambio de perspectiva, transformando la forma de ver las vicisitudes y buscándole una solución a los problemas. (DOS SANTOS, 2019, p. 15).

A tarefa da reflexão, do amadurecimento a lutas políticas, coletivas, se reivindica, na diegese do conto, em um presente a se construir, simultânea e necessariamente, no tempo e no espaço – daí a importância do recolhimento proporcionado por parques públicos e, no caso específico do Parque Capurro – morada do tempo presente, desde o título do conto – a importância do porto. Esse, por sua vez, consta presente na paisagem, nos dois sentidos comportados pelo termo: o substantivo *presente*, marcador de tempo diegético; o qualificativo *presente*, a designar a presença do porto no espaço urbano montevideano. Como o jogo entre substantivo e qualificativo, a diegese demarca uma paisagem aparentemente sem significado a *mis queridos vecinos* [que os podemos supor: brancos] e, sem contradição de termos, *vista [...]* y *dolor acumulado en [el] ADN* da voz narrativa. O conto constrói uma mesma paisagem, simultaneamente, adjetiva aos demais personagens e substantiva à voz narrativa. Como ponto de aproximação do conto a textos literários amefricanos, no corpo do artigo, a opacidade do Río de la Plata, porque parte da paisagem e, nas regras do jogo, parte intangível à voz poética; a opacidade do mar como uma constante aos textos amefricanos aqui citados, dado desde o qual parte nossa tarefa amefricana, no presente.

Algumas de nossas interpretações, circulantes na comunidade científica, comportam, em seu bojo, imagens de controle sobre sujeitas(os) negras(os), sem um questionamento a esse respeito.²¹ Precisamos avançar em nossa tarefa investigativa como um todo mas, sobretudo, avançar em nossas perguntas, nos modos como perguntamos e aprendemos com os textos literários; e avançar na formulação e circulação das análises literárias, particularmente em sua posologia. Tal movimento nos remete, em uma estrutura cíclica, à chave de leitura criticada por tatiana nascimento: dor/resistência/denúncia. Ao constatar o volume de análises literárias sobre ficcionalidades amefricanas sob tais termos, no âmbito da comunidade científica dos Estudos Literários, se mostra imperioso avançar em relação às perguntas que fazemos aos textos, assim como as soluções modelares a que recorreremos, em seu risco de comportar imagens de controle a imputar violências a sujeitas(os) negras(os), por vezes reduzindo

21 Como em versões mais antigas do sistema Windows, em que instalávamos o aplicativo antivírus Baidu: nossas imagens de controle contaminado as chaves de leitura desde o princípio, de maneira que, sem o perceber, executemos a função de análise com as imagens de controle ocultas ao longo do artigo inteiro, da tese inteira, da dissertação inteira, confiando na segurança do Baidu pois, afinal, se trata de um programa antivírus usado por milhões de pessoas, no mundo inteiro.

seus devires a uma dimensão ôntica; imagens de controle como *trojans* a exercer a prerrogativa de definição de sujeitas(os) que investigamos, a respeito das literaturas que estamos lendo, mediante análises literárias, em última instância, a) tomando a sujeitas(os) negras(os) como nosso Outro, a fim de b) o falar por nosso desejo.

Quando, a título de conclusão, retomando o quanto nossos problemas de pesquisa podem promover o oceano como lugar de silenciamento, poderíamos, de modo experimental, efetuar um primeiro movimento em que tomaríamos o oceano como lugar de silenciamento para, mediante tal procedimento metodológico, ensaiar investigações habilitadas a perguntar, a seus próprios fundamentos, até que ponto não estaríamos praticando políticas de silenciamento a tomar nossas experiências como “outras” e quem sabe, substituir o lugar do Oceano como lugar de silenciamento pelo Oceano como categoria e, em suma, lugar de construção, validação e partilha de conhecimentos amefricanos. Essa operação de construção-validação-partilha de conhecimentos negros é feita no presente, ante violências a nós imputadas, igualmente, no presente – presente invisível em um cenário de racismo estrutural no Brasil; presente a transcorrer em outro tempo; o silenciamento de sujeitas(os) negras(os) em *ongoing present*.

Los buques negreros, aquellas sentinas oscuras
del barco, horrores, el hambre,
azotes sufridos, olvídale todo;
¡que lentamente viene, la ansiada libertad!
Yo negra soy
Porque tengo la pien negra
¡Esclava no!
Yo nací de vientre libre [...]
Yo negra soy
Porque tengo la pien negra
¡Esclava no! (SALAS, 2013, p. 113).

O poema “Negro: siempre triste” apresenta, 70 anos antes do conto de Mónica dos Santos, a reivindicação de uma prerrogativa do presente a sujeitas(os) negras(os), no Uruguai,²² do que gostaríamos de depreender um corolário, talvez não evidente mas necessário: a designação de um passado ou, por vezes, uma a-historicidade como tempo essencialmente característico de devires negros, perfaz, também, um epistemicídio a sujeitas(os) negras(os). Negar o presente a nossos Outros, com base em nossas imagens de controle a falar sua existência por nosso desejo, implica, em última instância, uma violência; uma redução de existências humanas a uma dimensão ôntica. Em um tal cenário, nossa agência reivindica a prerrogativa do presente. Não estamos, hoje, no negreiro; tampouco no porto; tampouco na plantação de cana-de-açúcar. Estamos no presente, em agência, a desempenhar essa tarefa crítica que nos exige ser feita no presente, desde agora.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alcione Correa. Mulheres deixam traços nas águas? *Organon*, Porto Alegre, v. 29, n. 57, p. 77-98, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/48291>. Acesso em: 25 jan. 2021.

22 Sobre uma análise, breve, do poema de Virginia Brindis de Salas, se consulte: LEWIS, 2011.

- ALVES, Alcione Correa. Violência epistêmica e enunciação de sujeitas negras em uma interpretação de Nancy Morejón. *Revista Língua & Literatura*, v. 19, n. 33, p. 165-191, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/2597>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- ALVES, Alcione Correa. [Uma vez mais,] mulheres deixam traços nas águas? *Revista Estação Literária*, Londrina, v. 23, s. n., p. 173-188, jun. 2019. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/35727>. Acesso em: 24 set. 2022.
- ALVES, Alcione Correa. Hipótese sobre a noção de prefácio em Édouard Glissant. *Trans/form/ação: Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 45, s. n., p. 207-238, 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/10876>. Acesso em: 24 set. 2022.
- ALVES, Alcione Correa. Antologia Tinta: poesia de mulheres afrouruguaiaias como prefácio às literaturas amefricanas. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 74, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/125598>. Acesso em: 19 mar. 2023.
- ARROYO PIZARRO, Yolanda. *las Negras*. Puerto Rico: Boreales, 2012.
- ARROYO PIZARRO, Yolanda. Hablar de las Ancestras: hacia una nueva literatura insurgente de la afrodescendencia. *Cruce: crítica sociocultural contemporánea*. Disponível em: <https://africanoexiste.tumblr.com/post/64035042324/hablar-de-las-ancestras-hacia-una-nueva>. Acesso em: 25 set. 2022.
- AUGUSTO, Ronald. Transgressão. In: AUGUSTO, Ronald. *O leitor desobediente*. Porto Alegre: Editora Figura de Linguagem, 2019. p. 101-123.
- BISPO, Ella Ferreira; CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de; ALVES, Alcione Correa. O porão do navio negreiro como digênese nos romances Um defeito de cor e O crime do cais do Valongo. *Via Atlântica*, [S. l.], v. 1, n. 41, p. 345-376, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/191060>. Acesso em: 19 mar. 2023.
- CARMO, Camila do Nascimento. *Riografias e reexistências negras: a poesia de Livia Natalia*. Dissertação (Mestrado Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31640>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 24 set. 2022.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Écrire en pays dominé*. Paris: Gallimard, 2006. Folio, 3677.
- CONFIANT, Raphaël. *Adèle et la pacotilleuse*. Paris: Mercure de France, 2007. Folio, 4492.
- CORREIA, Paulo Petronilio. “O lixo vai falar, e numa boa”: Lélia Gonzalez, a criadora de caso do feminismo negro. Njinga & Sepé: *Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol. 3, n. 1, p.421-447, jan.- jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njinggaesape/article/view/1102>. Acesso em: 06 abr. 2023.
- CRUZ, Eliana Alves. *O crime do Cais do Valongo*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- DIAZ, Natalie. *Poema de amor pós-colonial*. Tradução Rubens Akira Kuana. Apresentação de Julie Dorrico. São Paulo: Círculo de poemas, 2022.
- DOS SANTOS, Mónica. El espíritu africano en Parque Capurro. ACOSTA, Luisa et al. *Marimbondo*. Montevideo: Bibliobarrio, 2019. p. 14-16.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. DUARTE, Eduardo de Assis de; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 375-400. v. 4.

- FERREIRA, Elio. *América Negra & outros poemas afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2014.
- FOKKEMA, Douwe Wessel; IBSCH, Elrud. A compreensão e sua validação argumentacional. In: FOKKEMA, Douwe Wessel; IBSCH, Elrud. *Conhecimento e compromisso: uma abordagem voltada aos problemas dos estudos literários*. Tradução Sara Viola Rodrigues et al. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 31-48.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Tradução Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- GLISSANT, Édouard. *Le sel noir*. Paris: Gallimard, 1983.
- GLISSANT, Édouard; CHAMOISEAU, Patrick. *L'intrahable beauté du monde*. Adresse à Barack Obama. Paris: Galaade Éditions; Instutu du Tout-monde, 2009.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- GONZÁLEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia González em primeira pessoa*. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.
- GUILLÉN, Nicolas. El apellido. In: AUGIER, Ángel (org.). *Obra poética*. 1922-1958. La Habana: Instituto Cubano del Libro; Editorial Letras Cubanas, 2011. p. 249-253. tomo I.
- HILL COLLINS, Patricia. Epistemologias negras feministas. In: HILL COLLINS, Patricia. *Pensamento feminista negro*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 401-432.
- KANOR, Fabienne. *Humus*. Paris: Gallimard, 2006.
- LEGUIZAMÓN RODRÍGUEZ, Graciela. Sin espejos. In: MINISTERIO DEL DESAROLLO SOCIAL. *Tinta: poetisas afrodescendientes*. Prólogo de Alejandro Gortázar. Montevideo: Ministerio del Desarrollo Social, 2016. p. 48.
- LEITE, Evandro Gonçalves; PEREIRA, Regina Celi Mendes; BARBOSA, Maria do Socorro Maia Fernandes. O fazer científico nos estudos literários: das práticas letradas acadêmicas às características epistemológicas. *Revista brasileira de linguística aplicada*, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, p. 919-950, dez. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982018000400919&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 set. 2022.
- LEWIS, Marvin A. Resistencia e identidad en la poesía afrouruguaya. In: LEWIS, Marvin A. *Cultura y literatura afro-uruguaya*. Perspectivas post-coloniales. Tradução por Alicia Porrini e pelo autor. Versão revisada e ampliada. Montevideo: Casa de la Cultura Afrouruguaya, 2011. p. 69-90.
- LODO + Now Frágil. Intérprete: Luedji Luna. Compositora: tatiana nascimento. In: *Um corpo no mundo*. Intérprete: Luedji Luna. São Paulo: YB Music, 2017. 1 disco. Faixa 11. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6bRq0tNrOro>. Acesso em: 6 jul. 2022.
- MOYANO, Tiago Marcel. In Absentia: descolonizando corpos em *Zong!* (2008) de Marlene Nourbese Philip e *Creole Portraits* (2002) de Joscelyn Gardner. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 18, n. 212, p. 56-65, 7 jan. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/42804>. Acesso em: 26 set. 2022.
- NASCIMENTO, tatiana. da palavra queerlombo ao cuierlombo da palavra. *palavra, preta!* Disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- NASCIMENTO DOS SANTOS, Daiana. Atlántico Negro: el océano en la narrativa de esclavizados. *Acta literaria*, Concepción, n. 54, p. 29-50, jul. 2017. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-68482017000100029&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 25 set. 2022.

NOURBESE PHILIP, Marlene. *Zong!* Middletown: Wesleyan University Press, 2012.

SALAS, Virginia Brindis de. Negro: siempre triste. In: ORONNOZ, Isabel (org.). *Rompiendo silencios*. Montevideo: Editorial Cabello, 2013. p. 113.

SALES, Cristian Souza. Yolanda Arroyo Pizarro: epistemologias negras caribenhas. *Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades*, [S. l.], v. 9, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/4311>. Acesso em: 25 set. 2022.

SOUZA, Livia Maria Natália de. Uma reflexão sobre os discursos menores ou a escrevivência como narrativa subalterna. *Revista Crioula*, 21, p. 25-43. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/146551>. Acesso em: 25 set. 2022.

VASILACHIS DE GIALDINO, Irene. Los fundamentos ontológicos y epistemológicos de la investigación cualitativa. *Forum Qualitative Sozialforschung/ Forum: Qualitative Social Research*, v. 10, n. 2, 30 maio 2009. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0902307>. Acesso em: 25 set. 2022.

■ **Declaração de financiamento:**

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Brasil, processo n. 310411/2021-1.